

SOLIDARIEDADE S.A. Aos poucos, o banco vai tornando real o sonho de seu fundador

Fundação Bradesco financia 36 escolas em 24 estados

Campinas, SP – Armando Favaro

CAMPINAS, SP – A condução que as filhas tomam para ir à aula, dois ônibus na ida e dois na volta, consome R\$ 86,00 do salário mensal de R\$ 320,00 que Claudécir do Amaral ganha no terminal de cargas do aeroporto de Viracopos, em Campinas. A despesa pesa no orçamento, mas é só isso que ele desembolsa com Jaqueline, de 9 anos, e Diana, de 11 anos, na escola. Os outros gastos – ensino, material didático, uniforme, alimentação e assistência médico-odontológica – ficam por conta da Fundação Bradesco, na Fazenda Sete Quedas, onde as meninas estudam.

Jaqueline e Diana conseguiram uma vaga em Campinas – uma escola-modelo que a ex-primeira ministra Margaret Thatcher, da Grã-Bretanha, foi conhecer em 1994 – porque preencheram os principais requisitos estabelecidos para a seleção de candidatos: são de uma família pobre e moram nas imediações das terras da escola. Claudécir e sua mulher, Maria Rosa, passaram os últimos dois anos desempregados e, nesse período, dependeram da ajuda de amigos para comer e mandar as filhas ao colégio.

Criada em novembro de 1956 por Amador Aguiar, o fundador do Banco Bradesco, cujo sonho era cobrir o Brasil de escolas, a Fundação Bradesco teve em 1997 um orçamento de R\$ 80,7 milhões para manter uma rede de 36 unidades espalhadas por 24 estados do país. Todos os seus 95.049 alunos estudam de graça, do pré-escolar até a última série dos cursos de segundo grau, supletivos e profissionalizantes. Apenas 12% desse total são funcionários ou filhos de funcionários do banco. “Mais de 87% dos alunos vêm das comunidades próximas das escolas, quase todas localizadas fora da área urbana, sempre em regiões carentes”, informa o professor João Cariello de Moraes Filho, diretor do banco e coordenador da fundação.



Maria Rosa leva as filhas para a escola onde Diana, de 11 anos, e Jaqueline, de nove, estudam de graça

A Fundação Bradesco investiu R\$ 5 milhões este ano para construir uma escola em Goiás, que havia perdido a sua com o desmembramento do estado de Tocantins. “Com a inauguração de mais essa unidade, ficarão faltando apenas o Acre e Roraima, que já estão na lista de espera”, observa Cariello. As escolas do Bradesco ocupam áreas de 30 mil a 40 mil metros quadrados, todas doadas pelos municípios. A única exceção foi a escola do Rio de Janeiro, que ocupa as instalações do antigo Instituto Lafaiete, na Rua Hadock Lobo, na Tijuca. O Bradesco comprou e reabriu o colégio, que havia sido fechado em consequência de um litígio com os professores.

Emprego – A maioria das escolas funciona em períodos de três turnos, mas duas têm regime de internato – a de Bodoquema, no Pantanal de Mato Grosso do Sul, e a de Canuanã, perto da Ilha do Bananal, em Tocantins. As duas são escolas-fazendas e formam mão-de-obra especializada para a região. “Ao concluírem os estudos, os alunos já saem quase todos empregados”, informa Cariello. Além do primeiro e do segundo grau, as escolas oferecem cursos rápidos de capacitação profissional e cursos técnicos nas áreas de administração de empresas, contabilidade, magistério, eletrônica, processamento de dados e agropecuária. Todas as unidades têm laboratórios bem aparelha-

dos e centros de informática.

“Aqui em Campinas não falta nada”, diz a diretora da escola da Fazenda Sete Quedas, Ana Cleide Souza de Castro, que se define como uma *bradescan* tradicional. “Além de eu ser ex-aluna e ex-funcionária do banco, várias pessoas de minha família passaram pelo Bradesco”, orgulha-se a diretora. A escola de Campinas, que tem cerca de 2.800 alunos, é uma vitrine que a Fundação Bradesco gosta de mostrar às pessoas que querem conhecer seu sistema. Subordinada às secretarias estaduais de Educação para questões curriculares, a rede do Bradesco montou um modelo próprio que varia de acordo com as peculiaridades de cada região. (J.M.M.)